

Galvêas acha satisfatório acordo com bancos

WASHINGTON — O Ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, disse ontem ter ficado satisfeito com o anunciado acordo em princípio para o financiamento dos US\$ 11,2 bilhões que o Brasil necessitará para fechar suas contas este ano e em 1984. Galvêas observou que a participação de US\$ 6,5 bilhões dos bancos comerciais estava abaixo do que ele esperava, mas acima do que os banqueiros pensavam em trabalhar.

— Os US\$ 6,5 bilhões são uma cifra bastante razoável, e um esforço grande dos bancos — ressaltou Galvêas.

Na verdade, o esforço maior dos bancos começará agora, com o convite que o comitê de assessoramento da dívida brasileira fará a cerca de 700 bancos internacionais, para participarem no novo empréstimo ao Brasil. O Ministro da Fazenda brasileiro reuniu-se ontem com William Rhodes, do Citibank e coordenador do comitê, e com o Secretário do Te-

EDGARDO COSTA REIS
Correspondente

souro americano, Donald Regan, para começarem a trabalhar, segundo Galvêas, “na operação concreta”.

A operação dos US\$ 11,2 bilhões inclui as necessidades de novos recursos para o restante deste ano (US\$ 4,5 bilhões) e 1984 (US\$ 6,7 bilhões). Sobre esta cifra estão de acordo tanto o Brasil, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), governos e bancos, mas isto não significa que ela não possa ser alterada. Também não se inclui, nesses US\$ 11,2 bilhões, obviamente, a amortização de capital devido no período.

Para cobrir esses US\$ 11,2 bilhões, além dos US\$ 6,5 bilhões dos bancos comerciais, o Brasil conta com o refinanciamento de US\$ 2 bilhões da dívida de governo a governo, em negociação com o Clube de Paris. O restante será coberto com linhas co-

merciais, com o US\$ 1,5 bilhão de dólares de aval concedido pelo Banco de Exportação e Importação (Eximbank) dos Estados Unidos, e outros créditos similares de outros países industrializados.

Esses países — que devem colocar mais US\$ 1 bilhão no pacote brasileiro — tampouco estão comprometidos. A linha do Eximbank está condicionada a iniciativas iguais de outros países, mas, por exemplo, a Inglaterra — segundo informações que circulam na Reunião Anual do FMI — Banco Mundial, à qual Galvêas comparece como representante brasileiro — estaria relutante em participar desse tipo de operações.

Nos US\$ 11,2 bilhões do pacote incluem-se, também, US\$ 200 milhões de uma nova linha de ação especial, criada pelo Banco Mundial, além do que poderá entrar, segundo Galvêas, em créditos de fornecedores de capital direto.

‘Empréstimo-ponte’ é desnecessário

O pacote prevê o Brasil fechando 1984 com reservas de US\$ 1 bilhão, e zero este ano. Mas o fluxo de caixa, contabilizado de outra maneira, subiria a cerca de US\$ 4,5 bilhões no final do próximo ano. Galvêas lembrou, por exemplo, que, na contabilidade do Fundo Monetário, certas qualificações contábeis, como a compra de ouro pelo Banco Central, não são incluídas nas reservas.

Enquanto aguarda o acordo com o Fundo Monetário e os desembolsos das parcelas pendentes do

empréstimo jumbo assinado no começo do ano (três parcelas de US\$ 540 milhões), Galvêas disse que o Brasil continuará tentando cumprir seus pagamentos internacionais, cujos atrasos estão em cerca de US\$ 2,7 bilhões.

Segundo o Ministro não há necessidade de um empréstimo-ponte nesta altura. Ele aceita como uma das fórmulas para aliviar o aperto dos atrasos o desembolso antecipado do jumbo, antes do acordo com o Fundo, algo a que muitos banqueiros já se

mostraram favoráveis. Não pela preocupação com os atrasos, mas com os efeitos destes no balancete trimestral que os bancos terão de apresentar aos acionistas no fim deste mês.

Com os superávits da balança comercial, Galvêas acha que o Brasil poderá continuar com o ritmo — “lento, é claro” — dos pagamentos internacionais, até que as negociações do novo pacote financeiro indiquem a necessidade de algum novo tipo de ação.

Reagan apela a congressistas

WASHINGTON — O Presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, pediu ontem ao Congresso que abandone as disputas partidárias e aprove o aumento, para US\$ 8,4 bilhões, da cota do país no Fundo Monetário Internacional (FMI). Falando na sessão inicial da reunião do Fundo, ele destacou que esta elevação é imprescindível para a recuperação dos parceiros comerciais dos Estados Unidos e para a estabilidade financeira internacional.

— Muitos americanos não se dão conta da importância que o mercado externo tem para este País. A produção para a exportação cria um em cada oito empregos nos Estados Unidos, e 40 por cento de nossa produção agrícola é vendida no exterior.

Segundo Reagan, Washington concedeu mais ajuda ao desenvolvimento até hoje que qualquer outro Governo do mundo. Este auxílio chegou a US\$ 130 bilhões nos últimos 30 anos.

FMI condena protecionismo

WASHINGTON — O Diretor-Gerente do Fundo Monetário Internacional, Jacques De Larosiére, exortou ontem os 146 países-membros da organização a suspenderem políticas protecionistas, a incentivarem o comércio internacional e a fortalecerem os investimentos privados para tirar o mundo da crise econômica em que se encontra. No discurso de abertura da assembléia anual do FMI e do Banco Mundial, acrescentou que, embora a pior fase já tenha passado, as nações em desenvolvimento ainda não participam da recuperação iniciada nas economias desenvolvidas.

Larosiére ressaltou que, para se prestar socorro aos países endividados, é muito importante que os membros do FMI forneçam, o quanto antes, recursos adicionais que cubram a falta de liquidez da entidade, que poderá subir para US\$ 6,3 bilhões até o fim do ano. Em março passado, os membros do FMI aprovaram um aumento de US\$ 64 bilhões para US\$ 94,5 bilhões no total de cotas, mas até agora só 51 dos 146 países referendaram a decisão.

Clausen pede crédito barato

WASHINGTON — O Presidente do Banco Mundial, Auden Clausen, advertiu ontem, na abertura da assembléia conjunta do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Bird, que a recuperação econômica dos países em desenvolvimento é essencial para a retomada de um crescimento mundial estável. Ele pediu a concessão de US\$ 16 bilhões para empréstimos em condições suaves aos mais pobres dos países em desenvolvimento, nos próximos três anos.

— A privação econômica das nações mais pobres é uma bomba-relógio que avança, e se demorarmos a desarmá-la o risco será nosso. Cada milhão de dólares adicional em gastos militares pode comprar tanto em matéria de segurança global como o mesmo milhão investido no desenvolvimento econômico do Terceiro Mundo.

Clausen ressaltou que “as nações de baixa renda representam um vasto mercado potencial para bens e serviços”.